

A Nau Catrineta, de Almeida Garrett



Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!
Ouvide, agora, senhores,
Uma história de pasmar.

Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar,
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a sola era tão rija,
Que a não puderam tragar.
Deitam sortes à ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cair a sorte
No capitão-general.

– "Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real,
Vê se vês terras d'Espanha,
As praias de Portugal."
– "Não vejo terras d'Espanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar."
– "Acima, acima, gajeiro¹,
Acima, ao tope real²!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal."
– "Alvíssaras³, capitão,
Meu capitão-general!
Já vejo terras d'Espanha,
Areias de Portugal.
Mais enxergo três meninas
Debaixo de um laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar."

– "Todas três são minhas filhas,
Oh! quem mas dera abraçar!
A mais formosa de todas
Contigo a hei de casar."
– "A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar."
– "Dar-te-ei tanto dinheiro
Que o não possas contar."
– "Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar."
– "Dou-te o meu cavalo branco,
Que nunca houve outro igual."
– "Guardai o vosso cavalo,
Que vos custou a ensinar."
– "Dar-te-ei a nau Catrineta,
Para nela navegar."
– "Não quero a nau Catrineta,
Que a não sei governar."
– "Que queres tu, meu gajeiro,
Que alvíssaras te hei de dar?"
– "Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar."
– "Renego de ti, demónio.
Que me estavas a atentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar."

Tomou-o um anjo nos braços,
Não no deixou afogar,
Deu um estouro o demónio,
Acalmaram vento e mar;
E à noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar.

¹ marinheiro que vigia do cimo de um mastro

² parte superior do mastro

³ recompensa